

1

Introdução

“O trabalho do antropólogo não consiste em fotografar, gravar, anotar, mas em decidir quais são os fatos significativos, e, além dessa descrição (mas a partir dela), buscar uma compreensão das sociedades humanas”.

François Laplantine

Início esta introdução indicando o principal objetivo deste trabalho de pesquisa, qual seja, descrever e analisar as práticas de leitura e escrita de professores e alunos do ensino médio de uma escola particular situada na cidade do Rio de Janeiro nos dias atuais, em seus diferentes suportes: o manuscrito, o impresso e o digital.

Ao buscar construir o objeto de investigação, percebi que realizava intenções de naturezas diversas. Primeiramente, pretendi unir campos disciplinares que dialogam e se complementam no percurso da análise advinda dos objetivos traçados, quais sejam, a busca dos significados que emergem das práticas de leitura e escrita no universo de uma instituição particular de ensino. As disciplinas em questão são a História Cultural, a Antropologia e a Educação. Nessa perspectiva, apresento como fulcro principal da investigação essas práticas na escola contemporânea, em seus diversos suportes, nos termos que lhes atribui Roger Chartier.

Constituir novos objetos de investigação em que diversos princípios de legitimidade foram importados de disciplinas vizinhas demandou da História Cultural outros tratamentos e técnicas de análise. Dessa forma, alguns modelos da Antropologia passaram a fazer parte dos estudos daquela disciplina, assim como seus principais temas. Chartier (1990) ressalta a emergência desses novos objetos *“no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentescos e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar etc.”* (ibid, p:14).

Nessa perspectiva, Chartier toma a leitura e as práticas a ela relacionadas como esses objetos, centrais em sua investigação. Como historiador, ele se interessa pelos múltiplos usos e formas de apropriação das obras, propondo como

campo de pesquisa a história da leitura como prática cultural, a história dos textos, a história dos livros e a história das práticas culturais.

A História Cultural se vê então diante do desafio, posto por outras disciplinas, de estabelecer como objetos de estudo as relações e as representações¹. Dessa forma se aproxima do campo de investigação da Antropologia ao procurar compreender os significados que emergem das relações, a lógica, o implícito que se dão a perceber através dos discursos e das práticas.

Entendo esses objetos como constitutivos de práticas culturais que indicam as questões com as quais pretendi trabalhar, quais sejam, as práticas de leitura e de escrita existentes no universo escolar, buscando o significado que emerge dessas práticas em seus diversos suportes.

Contudo, as práticas, sejam elas sociais, políticas, escolares ou outras só têm importância na medida em que produzem sentido, o sentido que lhes atribuem os sujeitos que delas se apropriam, gerando diferentes interpretações. Que significados emergem dessas práticas, que representações foram produzidas por elas, como foram construídas histórica e socialmente são questões que interessam tanto à História Cultural quanto à Antropologia.

Os conceitos chave em Chartier são: práticas, representação e apropriação, esse último compreendido como os diversos modos de ler e os sentidos que os leitores atribuem aos diferentes textos em seus vários suportes materiais. Segundo Chartier, *“as apropriações dos textos pelo leitor implicam sempre a consciência de que a possibilidade de leitura efetua-se por um processo de aprendizado particular, de que resultam competências muito diferentes”* (2001;p: 13).

¹A noção de representação constitui, segundo Chartier (1990) a pedra angular de uma abordagem da história cultural, conceito basilar e objeto também dos trabalhos de natureza antropológica. Chartier (1990) propõe que se tome o conceito de *representação* “num sentido mais particular e historicamente mais determinado” (ibid, 20), para que essa noção não seja confundida com algo imaginado ou equivocado.

Na perspectiva de uma teoria sobre a representação, Chartier (1990) chama a atenção para a sua relação com o mundo social articulada ao trabalho de classificação e delimitação, ao reconhecimento de uma identidade social, às formas institucionalizadas que marcam a existência de uma comunidade, no caso da pesquisa, uma comunidade de leitores.

Segundo Dauster (2000), representação refere-se a esquemas construídos, correspondentes aos interesses dos que os geram. A investigação das representações nos conduz à vida social, nos aproxima das relações concretas, ao contrário de afastar-nos da vida vivida, como se fossem abstrações.

A segunda intenção é procurar desvendar a trajetória por mim percorrida que, acredito, justifica a escolha do objeto a ser pesquisado. Percebi que percorri um caminho circular que se apresentou convergente em diversos aspectos. Iniciei minha vida profissional como professora de Língua Portuguesa, preocupada com os estudos sobre a linguagem e suas manifestações e sobre a língua em si, concebida como um sistema. Porém, mais do que essas questões, me instigavam os diversos usos da linguagem pelos alunos nas séries da educação básica com os quais trabalhei.

A realização do curso de especialização “Currículo e Prática Educativa” oferecido na modalidade a distância pelo Departamento de Educação da PUC-Rio me levou a outros caminhos e indagações que me conduziram ao mestrado em educação pela mesma universidade, ao longo do qual fui apresentada à Antropologia, mais especificamente à etnografia como teoria e metodologia de análise cultural. Essa opção teórico-metodológica possibilitou uma desconstrução necessária e salutar de antigas formas de ver e conceber as questões sociais que estão presentes no mundo atual, descortinando outra forma de percepção do homem e suas relações sociais, relativizando posturas e concepções.

A partir dessa escolha, me lancei na tentativa de compreender a construção identitária de uma professora da educação básica que trabalhava em universos sociais e culturais em diversos aspectos distintos, quais sejam, duas escolas de educação básica pertencentes, uma à rede particular de ensino e outra à rede municipal.

No momento de desenvolvimento desta tese, reafirmo minha opção teórico-metodológica procurando seguir os referenciais e instrumentais da disciplina em diálogo fecundo com a História Cultural construída pelo estudioso francês Roger Chartier, especificamente a história do livro, da leitura e da escrita, e as práticas culturais a ela associadas.

Percebo, então, que retomo, de certa forma, fios tecidos no início de minha vida profissional, e procuro unir as duas pontas de minha trajetória de estudos e interesses: as questões da linguagem em seus vários usos do sistema lingüístico, incluindo as práticas de leitura e escrita no universo escolar, somadas, agora, às aprendizagens e aportes adquiridos ao longo da caminhada em que os conhecimentos e a experiência me permitem uma análise que se pretende mais larga e profunda.

No campo educacional, podemos perceber as várias contribuições da Antropologia (Dauster, 2004; Loureiro, 2004; Pavão, 2004; Amaral, 2008), seja na investigação das práticas pedagógicas e do cotidiano escolar, seja na interação dos seus diversos atores e nos significados que os mesmos se atribuem e às suas relações – princípio fundamental da etnografia. O trabalho etnográfico em educação permite um olhar ampliado da escola no sentido de se pensar a sala de aula em suas várias dimensões, identificando e analisando seus sujeitos e suas práticas.

Nessa perspectiva, baseio-me na teoria antropológica, cuja postura pretende entender as diversidades culturais, a partir de uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico. Fazer etnografia pressupõe entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento, segundo Geertz (1989), e se constitui em uma leitura da cultura, conceito semiótico concebido como uma teia de significados tecida pelo homem e no meio da qual ele vive. Essa estratégia objetiva desnaturalizar os fenômenos para percebê-los como histórica e socialmente construídos.

Ao optar pelo desafio de investigar o espaço escolar a partir dos pressupostos teóricos da Antropologia, necessito, primeiramente, relativizar valores e crenças socialmente construídos para levar em conta o conhecimento do ‘outro’ em seus próprios termos.

Um desafio sempre presente consiste na necessidade de estranhar o que para mim é tido como ‘familiar’: o universo escolar, seus rituais, suas atividades, seus sujeitos, todos conhecidos de longa data. Recorro a Velho (1997) ao discorrer sobre esse desafio:

“O processo de estranhar o ‘familiar’ torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (ibid, p:131).

Como ponto de partida deste trabalho, reúno minha experiência e indagações sobre os desafios por que passa a educação contemporânea na escolha do problema a ser investigado, qual seja, as práticas e representações de leitura e escrita de professores e alunos na escola hoje, nos seus próprios termos.

A partir dessa questão principal, outras surgem dando a ela maior visibilidade: como se dão essas práticas com a inclusão dos meios digitais na

escola; qual a visão de professores e alunos sobre essas práticas em seus diversos suportes; quais os constrangimentos relativos a elas; que relação existe entre a linguagem digital e a chamada “norma culta” da língua no espaço escolar; que competências e habilidades são desenvolvidas a partir dessas práticas; quais as formas de sociabilidade existentes entre esses atores na mediação dessas práticas e qual o investimento pessoal e institucional feito na formação continuada dos professores no que tange ao acesso a essas diversas práticas? Essas foram as principais perguntas que nortearam a presente investigação.

É nessa perspectiva que o presente trabalho foi concebido, tendo como pano de fundo o mundo contemporâneo e seus desafios lançados às organizações e instituições que dele fazem parte.

A trajetória da pesquisa me levou a vivenciar os desafios por que passa a escola nos dias atuais, principalmente no que concerne às novas formas de pensar e conceber o conhecimento e a como situá-la, assim como seus sujeitos, diante das exigências do mundo contemporâneo. Antevi a possibilidade de existência de conflitos e alguns constrangimentos no que tange às expectativas dos professores, que mantêm uma postura e uma forma de ensinar em alguns aspectos mais conservadoras, e às formas de os alunos se posicionarem frente ao saber.

Percebe-se hoje um esforço de instituições de grande porte no sentido de se modernizarem com a montagem de laboratórios bem equipados que atendem a diversas disciplinas – Química, Física, Biologia, Línguas Estrangeiras e Informática. Contudo, a maior parte da carga curricular acontece em salas cujas principais ferramentas ainda são o quadro de giz ou pilot, os cadernos e os livros didáticos. Alguns conteúdos de algumas disciplinas são ministrados nos laboratórios de Informática onde os alunos, a partir das primeiras séries, têm acesso a esse novo suporte, o digital.

Segundo pesquisa realizada por Brandão e Lelis (2000) a grande maioria dos alunos de uma instituição que atende principalmente às comumente chamadas classes média e alta tem acesso aos mais diversos materiais e meios culturais e didáticos, dentre eles a Internet. Esses estudantes possuem computadores em casa e acessam com muita facilidade programas diversos, em suas diversas finalidades, seja para comunicarem-se entre si, seja para as pesquisas escolares. *Orkut*, *Blogs*, *Fotologs*, além do bem conhecido *Messenger* ou *Msn* são ambientes digitais que fazem parte do cotidiano desses jovens.

Freitas (2006) afirma que

“As novas práticas de leitura/escrita construídas na Internet apontam para a necessidade de mudanças dessas práticas nos espaços educacionais. A escola conhece a riqueza dessas práticas de leitura/escrita? Que mudanças podem o processo de letramento digital contemporâneo provocar na construção de conhecimento na escola, na leitura/escrita que se realiza no espaço escolar? De que forma essa escrita teclada e essa leitura/escrita hipertextual, não linear, circular, podem questionar a educação, a formação docente?” (ibid, p: 199)

Para Nicolaci-da-Costa (2006), a escrita na Internet, *“ainda tem resultados pouco conhecidos e reconhecidos, mas certamente não menos interessantes do ponto de vista psicológico”* (ibid, p: 33).

As novas práticas de leitura/escrita, concebidas como atividades interligadas, construídas na Internet, exigem reflexão profunda que possibilite mudanças de concepções e práticas nos espaços escolares. Para Freitas (2006), a escola não conhece a riqueza dessas práticas, nem as mudanças que essas práticas provocam na construção de conhecimento. Para ela, há urgência e necessidade de estudos sobre a relação do professor com as novas práticas de leitura/escrita digital e com os processos de aprendizagem neste tempo de inovações tecnológicas.

No ambiente escolar da instituição pesquisada, alunos e professores convivem em seu cotidiano com diversos suportes de leitura e escrita, quais sejam, o manuscrito e o impresso, assim como o digital, investimento constante na estrutura educacional dessa escola, o que se constituiu em fator determinante para a obtenção de dados qualitativos para a análise.

A entrada no campo foi facilitada pelo fato de eu já conhecer o universo estudado, uma escola da rede particular, espaço no qual tenho atuado há vários anos. O maior desafio se deu na aproximação com as pessoas selecionadas para o estudo, na procura do que denominamos chamar, um encontro etnográfico, uma relação respeitosa, dialógica no interior de uma comunidade.

Como recorte de investigação, optei pelo segmento do Ensino Médio por acreditar que os estudantes desta faixa etária, entre 15 a 18 anos, já adquiriram, segundo estudos anteriores (Brandão e Lelis, 2002; Freire, 2008; Nicolaci-da-Costa, 2006 e Freitas, 2006), certa experiência quanto aos usos dos diversos suportes de leitura e escrita, assim como uma visão crítica das práticas escolares.

Experiência e visão contribuíram para a realização deste trabalho etnográfico que pretendeu apreender os significados que emergiram das práticas e das narrativas dos sujeitos investigados.

A investigação etnográfica realizada no ofício do etnógrafo, qual seja, o exercício de interpretação da vida social, teve como instrumentos de coleta de dados a observação participante e a entrevista semi-estruturada, além de algumas provas documentais no delineamento identitário da escola escolhida como palco da investigação. Essas abordagens técnicas se complementaram na busca dos objetivos elencados no projeto para a realização de uma pesquisa qualitativa.

Na observação participante, tive contato com uma realidade, em alguns aspectos supostamente muito conhecida, onde os atores sociais se encontravam. Procurei estranhar o que vi, o que ouvi, acreditando que *“o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido”* nos termos de Velho (1997, p:126). As informações obtidas nesse contexto emergiram de várias situações observadas e vividas nas quais procurei manter e transmitir o clima, mas percebendo que, nessa trajetória, de alguma forma, interferei e modifiquei o campo analisado e fui modificada por ele.

Inicialmente, houve uma grande dificuldade em estranhar esse familiar devido à convivência de longa data com o campo a ser investigado, embora os aspectos mais específicos delineados pelos objetivos da pesquisa não fossem conhecidos, apenas intuídos. O estranhamento ocorreu aos poucos a partir de um exercício intenso e diário alimentado pela teoria que fundamentou todo o trabalho. Recorro a Da Matta (1981) para me ajudar a explicitar esse movimento no bojo da teoria antropológica:

“A segunda transformação parece corresponder ao momento presente quando a disciplina se volta para a nossa própria sociedade, num movimento semelhante a um auto-exorcismo, pois já não se trata mais de depositar no selvagem africano ou melanésio o mundo de práticas primitivas que se deseja objetivar e inventariar, mas de descobri-las em nós, nas nossas instituições, na nossa prática política e religiosa. O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os «porquês») o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação” (1981, p:157).

A entrada no campo apresentou outro aspecto da investigação que disse respeito à relação com os sujeitos investigados, qual seja, o fato de sermos aceitos

por esse grupo e o distanciamento maior ou menor da realidade investigada, preocupações constantes de todo pesquisador. Foote-Whyte (1975) analisou-as cuidadosamente ao retratar sua relação com os rapazes ‘da esquina’:

“Na medida em que fui aceito pelos Nortons e por diversos outros grupos procurei ser bastante agradável para que as pessoas ficassem satisfeitas por me terem perto. Ao mesmo tempo, tentei não influenciar o grupo, uma vez que desejava estudar a situação afetando-a o menos possível com a minha presença”. (1975, p:83)

Eis um desafio para o pesquisador!

Contudo, o maior desafio se deu no contato com este universo e na relação com uma parte dos atores entrevistados, quais sejam, os professores. O fato de que minha identidade profissional está ligada a esse lugar, embora trabalhe em outro segmento da instituição e até o momento da pesquisa desconhecesse alguns espaços e alguns profissionais específicos do segmento investigado, demandou de minha parte um grande esforço de estranhamento.

Na tentativa de manter um diálogo aberto com esses sujeitos, percebi, em certos momentos, haver uma assimetria entre nós, na medida em que alguns outros desses colaboradores eram conhecidos e gozávamos de certa intimidade. Acredito que esse esforço, no sentido de estranhar esse familiar tão familiar, constituiu-se em um componente importante da pesquisa que deve ser revelado. Laplantine (2007) me ajudou a entender a problemática desse aspecto da pesquisa de campo, que se apresentou como dificuldade, mas não como limitação, colocando o próprio pesquisador como parte do problema.

“Aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com seus interlocutores (o que reprime ou sublima, o que detesta ou gosta), é parte integrante de sua pesquisa. Assim uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar o problema das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação em jogo. Pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios, e visando a que uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consciente possível. Isso é realmente o mínimo que se possa exigir do antropólogo” (ibid, p: 170)

Foi ao tomar consciência do meu papel como pesquisadora, da minha inserção no campo pré-estabelecido, na minha relação com os interlocutores, que percebi a necessidade de revisitar a teoria antropológica que me serviu de suporte em toda a trajetória da pesquisa.

No sentido de atingir os objetivos descritos anteriormente, envolvendo como sujeitos investigados no universo escolar os professores e os estudantes, procurei realizar, além do inventário dos rituais, valores, práticas e representações de suas atuações nos diversos espaços – sala de aula, biblioteca, sala dos professores, corredores, etc., entrevistas com esses sujeitos, objetivando compreender como vêm esse espaço e atuam nele a partir de suas próprias interpretações.

É importante destacar a importância do contexto em que as entrevistas foram realizadas e sua influência no comportamento dos entrevistados. Elas foram mais do que simples meio de obtenção de informações, pois se constituíram em contatos sociais e, *“como todos os contatos sociais, elas são orientadas por regras e as partes trazem consigo expectativas quanto ao seu conteúdo e o papel que devem adotar”*, como diz May (2004, p:154)

Nessa investigação, houve universos de entrevista distintos, professores e alunos do Ensino Médio de uma escola reconhecida como de elite da cidade do Rio de Janeiro.

Embora não seja pretensão desta pesquisa discorrer sobre as elites escolares desta cidade, chamo a atenção para importantes estudos sobre essas elites que foram desenvolvidos pela PUC-Rio, no contexto da SOCED (Programa de Pesquisa em Sociologia da Educação) do Departamento de Educação, sob a orientação da professora Zaia Brandão. Questões sobre a importância da origem familiar na escolarização dos jovens das camadas médias e superiores, o uso dos “sites” escolares como estratégia na construção da imagem de excelência dessas reconhecidas escolas, assim como suas práticas de leitura estiveram no foco dessas pesquisas.

Para Brandão (2008), as famílias que detêm maior capital cultural, nos termos de Bourdieu (apud Brandão, 2008), buscam instituições escolares que apresentem um elevado capital simbólico e social. Essas escolas passam, então, a representar um instrumento de prestígio e ascensão social. Entre as estratégias das escolas na construção de sua imagem de excelência e de inovação encontra-se o investimento nas novas tecnologias de comunicação e informação, dentre elas a elaboração de “sites” escolares, segundo essa autora.

Voltando-me à obtenção de dados para esta pesquisa, a primeira parte das entrevistas apresentou um formato padronizado com questões mais diretas sobre

idade, sexo, classe social a que esses atores julgam pertencer, bairro em que residem, principais atividades além das escolares, se possuem computador em casa, se o mesmo é de uso individual ou compartilhado etc. A segunda parte apresentou questões gerais sobre a visão de cada grupo sobre a educação e a escola e especificamente sobre a escola pesquisada, numa tentativa de captar o que pensam esses sujeitos sobre aspectos importantes que servem de contextualização das práticas que são produzidas em seu cotidiano, notadamente aquelas que atendem aos interesses da pesquisa. Em seguida, numa terceira parte, para cada grupo, foram feitas questões mais específicas voltadas para a faixa etária e ocupação.

Para os professores, além das perguntas de cunho mais geral, houve outras mais voltadas para as práticas de leitura e escrita em seus vários suportes no exercício de sua função, a importância atribuída às mesmas, os usos que delas fazem seus alunos, as interferências que esses suportes têm em seu cotidiano e como se dá sua formação para a diversidade dessas práticas no universo escolar, além da visão que possuem sobre a importância das novas tecnologias no espaço escolar e como as mesmas interferem em suas práticas didáticas e em suas vidas.

Para esta pesquisa foram observados e entrevistados professores das três séries de várias disciplinas deste segmento. Foram feitas entrevistas de professores de Língua Portuguesa, Geografia, História, Matemática, Química, Biologia, Inglês, Ensino Religioso, Informática, Mídia e Artes, além de dois coordenadores e uma orientadora do segmento. A média de anos na profissão variou de 15 a 40 anos, sendo que a maioria declarou estar há mais de dez anos lecionando na instituição onde a pesquisa se desenvolveu. Trabalham ou já trabalharam em outras instituições de ensino, da rede privada e pública. Julgam pertencer à classe média e média-alta, *“pequena burguesia assalariada se comparada à realidade do Brasil”* como declarou Renata², professora de Língua Portuguesa do terceiro ano. A maioria disse morar em bairros da zona sul da cidade e dois, na zona oeste (Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes). Como opção de lazer, os gostos variaram de cinema, praia, viagens, leituras, a culinária e velejar.

² Os nomes de professores e alunos apresentados neste trabalho são fictícios.

Os alunos foram questionados sobre as práticas de leitura e escrita em seus diversos suportes dentro e fora do universo escolar, as influências mútuas desses dois espaços, como viam essas práticas na escola e nas aulas, e que valor atribuíam às mesmas. Como estudam, de que forma aprendem mais, quais as principais dificuldades enfrentadas no que tange a essas práticas foram perguntas voltadas para esse grupo. Houve também questões voltadas especificamente sobre essas práticas no suporte tecnológico, o uso do computador e, especificamente, da internet, dentro e fora do espaço escolar.

As entrevistas buscaram, a partir de um contato individual e estreito com cada sujeito/objeto investigado, obter informações importantes contidas em sua fala. Sabemos que essa conversa não é neutra, já que tem objetivos claros e definidos, e o que é dito deve ser visto como interpretações da experiência de seus atores, segundo Geertz (1989). Nesse diálogo, é importante que o pesquisador se dispça de qualquer postura etnocêntrica, além de estabelecer uma relação na qual o informante se transforme em interlocutor, se possível em um colaborador da pesquisa.

Entrevistei, ao todo, 17 profissionais, entre professores e aqueles que ocupam cargos de coordenação e orientação, esses em número significativamente inferior àqueles, numa tentativa de percorrer o universo escolar do segmento escolhido, o ensino médio, em suas diversas visões e interpretações, a partir do que percebem seus principais atores.

O clima das entrevistas foi respeitoso e muito amigável. Alguns entrevistados professores, coordenadores e orientadora, já eram conhecidos, colegas que atuam em segmentos e séries diferentes daquelas em que trabalho atualmente, mas que eram encontrados na sala dos professores, em algumas reuniões pedagógicas e datas comemorativas da instituição. Todos, mais ou menos conhecidos, sentiram-se agraciados pelo fato de serem convidados para as entrevistas e colaboraram de forma aberta e cordial.

Os alunos participantes desta investigação disseram ter entre 15 a 18 anos de idade, a maioria estava cursando o 2º ou 3º. ano do Ensino Médio na época das entrevistas e se autodenominaram pertencentes às camadas média e média-alta da sociedade brasileira. Disseram residir na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, em bairros como Copacabana, Botafogo, Leblon, Ipanema, Flamengo, Gávea e Jardim Botânico. Um aluno entrevistado relatou residir na Tijuca, zona norte da

cidade. Todos disseram morar com familiares, pais e irmãos em sua maioria, alguns também com avós, e participar de diversas atividades extra-escolares, como cursos de línguas estrangeiras, principalmente a Língua Inglesa em que muitos já estão formados, judô, karatê, natação, balet, tênis, fotografia, yoga, jiu-jitsu, aikidô, violão, piano, violino, remo, além de outras atividades esportivas não tão conhecidas do grande público, como esgrima e rugby.

Procurei diversificar as escolhas para as entrevistas quanto às áreas de interesse e ao rendimento escolar. Alunos que pretendiam seguir carreira nas diversas áreas, tecnológicas, humanas e biomédicas; assim como alunos considerados bons quanto ao desempenho escolar, alunos medianos e outros que já tinham ficado em recuperação ou mesmo repetido alguma série. As principais intenções de carreira apresentadas foram Engenharia (Química, Telecomunicações e Mecânica), Direito, Jornalismo, Publicidade, Cinema, Gastronomia, Medicina e Odontologia. Essas escolhas se deviam a diversos fatores, tais como pretensa vocação, famílias da mesma profissão etc.

Como o grupo era muito expressivo e eu queria atingir um grande número, optei por dois modelos de entrevista, um presencial e outro digital. Entrevistei 16 alunos presencialmente e enviei 10 entrevistas por e-mail a outros já avisados anteriormente. Pedi que respondessem da forma que preferissem e me devolvessem pelo mesmo meio em arquivo anexo. Somente dois alunos me enviaram, alegando que era *muito chato* responder por escrito e que algumas perguntas eram muito complexas. Essa declaração me alertou para o fato de que, embora as perguntas que poderiam gerar algum grau de dificuldade, as ditas complexas, eram de cunho mais geral, elas representavam apenas vinte por cento do total da entrevista. As demais eram objetivas e incidiam sobre questões do cotidiano desses jovens, tais como: se tinham computador em casa, se o mesmo era privativo de seu uso, a frequência com que usavam, para quê, como estudavam etc. Dias depois, alguns desses alunos me procuraram, se colocando à disposição para uma entrevista presencial, pois queriam participar, mas preferiam dessa forma. É mister salientar que não trabalho com esses jovens e que os convites foram feitos de forma aleatória e em rede, ou seja, os entrevistados indicavam mais dois colegas que gostariam de participar.

O clima dessas entrevistas também foi muito cordial e alegre. Muitos contaram fatos de sua vida de jovens, da forma como se relacionavam *on-line* e

off-line com amigos, como usavam o aparato tecnológico em casa e na escola, como estudavam etc. Todos afirmaram ter gostado de participar e se surpreenderam positivamente com o tema da pesquisa.

A decisão de delimitar o campo de investigação ao ensino médio ocorreu também devido à necessidade de estudarmos sujeitos, professores e alunos, cujas práticas apresentassem um desenho mais nítido do percurso escolar, além de maior domínio e visão crítica, especificamente por parte dos alunos, do uso dos diversos suportes didático-pedagógicos, dentre eles os suportes digitais. Outro motivo, não menos importante, decorre da exigüidade de trabalhos específicos neste segmento da educação básica, razão apontada por Candau (2000) e Martinez (2000) ao referirem-se, respectivamente, à “*pouca atenção que as escolas deste nível de ensino têm tido nas pesquisas sobre cotidiano escolar*” (ibid, p:70), e à “*percepção de que as escolas desse segmento escolar têm sido objeto de pouca atenção neste tipo de pesquisa*”³ (ibid, p:83), qual seja a apreensão de representações no cotidiano escolar de uma escola particular de ensino médio.

Os entrevistados, educadores e alunos, estão representados no conjunto de dados exposto com o título ‘Características dos Entrevistados’, que apresento a seguir, acreditando que o perfil delineado nessa amostra ajudará tanto na organização dos dados apresentados, quanto na apreensão das questões analisadas ao longo deste trabalho.

³ A autora se refere à pesquisa *Cotidiano escolar e cultura(s): desvelando o dia-adia...*, realizada entre março de 1996 e fevereiro de 1998, coordenada pela profa. Vera Candau, professora titular do departamento de Educação da PUC-Rio, além de 10 integrantes da equipe de pesquisa.

CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS
PROFESSORES

1	NOME	Renata	Lúcia	Evandro	Marcelo
2	SEXO	F	F	M	M
3	CLASSE SOCIAL	Média “pequena burguesia assalariada”	Alta	Média	Média-alta
4	BAIRRO	Flamengo	Leblon	Jardim Botânico	Botafogo
5	TEMPO DE FORMADO(A)	42 anos	37 anos	18 anos	22 anos
6	TEMPO NA INSTITUIÇÃO	20 anos	18 anos	10 anos	07 anos
7	DISCIPLINA QUE LECIONA	Língua Portuguesa	Geografia	Mídia-Educação	História
8	OUTRAS INSTITUIÇÕES	—	Sto. Agostinho, Instituto Rio Branco, Cursos	Empresas de Comunicação	Instituto Rio Branco, Curso Pré-vestibular
9	COMPUTADOR(ES) EM CASA	01	02	03	01
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Cinema, leitura, praia	Cinema, leitura, praia	Cinema	Música e viagens
11	OUTRAS ATIVIDADES	Sítio (animais e plantas)	Cozinhar	—	coleciona objetos antigos

1	NOME	Geraldo	Cíntia	Tadeu	Elisa
2	SEXO	M	F	M	F
3	CLASSE SOCIAL	Média	Média	Média-média	Média
4	BAIRRO	Botafogo	Barra da Tijuca	Flamengo	Humaitá
5	TEMPO DE FORMADO(A)	“anos 70”	“mais de 20”	“uns 20 e tantos”	20 anos
6	TEMPO NA INSTITUIÇÃO	39 anos	08 anos	21 anos	17 anos
7	DISCIPLINA QUE LECIONA	Coordenação	Orientação	Matemática	Informática
8	OUTRAS INSTITUIÇÕES	Instituição Superior	—	PUC-Rio e Escola Pública	Instituição Superior
9	COMPUTADOR(ES) EM CASA	01	01	01	03
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Música e leitura	Consultório	Futebol e cinema	“sou workaholic”
11	OUTRAS ATIVIDADES	Velejar	“não dá”	—	TV e livro

1	NOME	Helena	Alexandre	Elias	Carlos
2	SEXO	F	M	M	M
3	CLASSE SOCIAL	Média	“a dos privilegiados”	Média-média	Média
4	BAIRRO	Humaitá	Leme	Humaitá	Flamengo
5	TEMPO DE FORMADO(A)	30 anos	26 anos	26 anos	“quase 30 anos”
6	TEMPO NA INSTITUIÇÃO	15 anos	14 anos	2 anos	15 anos
7	DISCIPLINA QUE LECIONA	Coordenação	Informática	História	Matemática
8	OUTRAS INSTITUIÇÕES	—	Instituição Superior	Sion, Andrews	Colégio Estadual
9	COMPUTADOR(ES) EM CASA	01	03	01	01
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Leitura	Escrever planos de governo	Ler, viajar, cinema	viajar, cinema
11	OUTRAS ATIVIDADES	—	música, poesia, “gosto de mexer com coisas”	gosto muito de cozinhar	“sair com os amigos”

1	NOME	Edna	Anna	Silvio	Iara	Júlio
2	SEXO	F	F	M	F	M
3	CLASSE SOCIAL	Média	média	Média	Média	Média-alta
4	BAIRRO	Laranjeiras	Humaitá	Cosme Velho	Flamengo	Botafogo
5	TEMPO DE FORMADO(A)	39 anos	26 anos	28 anos	28 anos	“pouco tempo”
6	TEMPO NA INSTITUIÇÃO	29 anos	20 anos	10 anos	19 anos	5 anos
7	DISCIPLINA QUE LECIONA	Inglês	Arte	Biologia	Química	Ensino Religioso
8	OUTRAS INSTITUIÇÕES	Cursos de inglês	INES	Pedro II	Sto. Amaro	—
9	COMPUTADOR(ES) EM CASA	01	02	02	02	02
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Praia, cinema, teatro	Ler, caminhar	Ler e filmes na TV	Cinema, teatro	Bater papo, cinema
11	OUTRAS ATIVIDADES	Viajar	Pintura, fotografia	Viagens	Caminhadas, hidroginástica	Especialização em Educação inclusiva

CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS

ALUNOS

1	NOME	Francisco	Tiago	Ana	Fernando
2	SEXO	M	M	F	M
3	IDADE	17	17	16	17
4	SÉRIE	3º ano EM	3º ano EM	2º ano EM	3º ano EM
5	CLASSE SOCIAL	Média-alta	Média	Média	Média-alta
6	BAIRRO	Copacabana	Flamengo	Botafogo	Jardim Botânico
7	COMPUTADOR(ES) EM CASA	02	01	01	03
8	USO DO(S) COMPUTADOR(ES)	Compartilha com irmão	Compartilha com irmão	Uso exclusivo	Uso exclusivo
9	OUTROS CURSOS	Inglês (concluído)	Inglês e Espanhol	Inglês e Espanhol	Inglês (concluído)
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Yoga e rugby	Leitura e Karatê	Leitura e cinema	Esguima e bicicleta

1	NOME	Daniel	Mariana	Rafael	Beatriz
2	SEXO	M	F	M	F
3	IDADE	18	17	18	17
4	SÉRIE	3º ano EM	3º ano EM	3º ano EM	2º ano EM
5	CLASSE SOCIAL	Média-alta	Média	Média	Média
6	BAIRRO	Botafogo	Gávea	Botafogo	Leblon
7	COMPUTADOR(ES) EM CASA	02	03	02	02
8	USO DO(S) COMPUTADOR(ES)	Uso exclusivo	Compartilha com irmã	Uso exclusivo	Uso exclusivo
9	OUTROS CURSOS	Inglês (concluído) e Espanhol	Inglês (concluído)	Inglês e Espanhol	Inglês
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Remo e Aikidô	Academia e vôlei	Jiu-jitsu	Cinema, praia

1	NOME	Roberto	Diego	Bernardo	Júlia
2	SEXO	M	M	M	F
3	IDADE	16	17	17	16
4	SÉRIE	2º ano EM	2º ano EM	3º ano EM	2º ano EM
5	CLASSE SOCIAL	Média-alta	Média	Média-alta	Média-alta
6	BAIRRO	Gávea	Tijuca	Lagoa	Leblon
7	COMPUTADOR(ES) EM CASA	02	01	02 + laptop	02
8	USO DO(S) COMPUTADOR(ES)	Uso exclusivo	Compartilha com irmã	Uso exclusivo	Uso exclusivo
9	OUTROS CURSOS	Inglês	Inglês	Inglês	Inglês (concluído)
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Remo	Futebol	Remo	Ballet

1	NOME	Flávia	Bianca	Pedro	Juliana
2	SEXO	F	F	M	F
3	IDADE	17	17	18	17
4	SÉRIE	3º ano EM	3º ano EM	3º ano EM	3º ano EM
5	CLASSE SOCIAL	Média	Média	Média	Média-alta
6	BAIRRO	Botafogo	Gávea	Botafogo	Humaitá
7	COMPUTADOR(ES) EM CASA	02	02	02	02
8	USO DO(S) COMPUTADOR(ES)	Uso exclusivo	Uso exclusivo	Compartilha com a irmã	Uso exclusivo
9	OUTROS CURSOS	Inglês e Espanhol (concluídos)	Inglês (concluído)	Inglês (concluído) e espanhol	Inglês (concluído)
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Praia e cinema	“um cineminha quando dá”	Jiu-jitsu “tô meio parado”	Fotografia

1	NOME	Vitor	Ricardo
2	SEXO	M	M
3	IDADE	17	15
4	SÉRIE	2º ano EM	1º ano EM
5	CLASSE SOCIAL	Média	Média-alta
6	BAIRRO	Botafogo	Jardim Botânico
7	COMPUTADOR(ES) EM CASA	02	02
8	USO DO(S) COMPUTADOR(ES)	Compartilha com irmãos	Uso exclusivo
9	OUTROS CURSOS	Inglês	Inglês e Francês
10	ATIVIDADES CULTURAIS / LAZER	Natação	Tênis e futebol

- Os entrevistados Vitor e Ricardo foram os únicos a enviarem suas entrevistas via email.
- Os nomes apresentados nesses dados, tanto de professores quanto de alunos, são fictícios.

Após a coleta de dados, a tarefa realizada foi o relato a partir da análise dos mesmos em diálogo intenso e profícuo com a teoria que lhe serviu de suporte, objetivando que daí nasçam outras teorias. Todo esse trabalho, a coleta, a análise e o relato, em Antropologia Social, segundo Geertz, é chamado etnografia, que se traduz em *“estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”* (1989, p:15). Contudo, o trabalho etnográfico é mais que isso, *“é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’”* (1989, p:15), ou seja, a interpretação da diferença de significado.

Acredito que o mundo contemporâneo, a educação e a escola, seus espaços e seus sujeitos, assim como os problemas descritos acima e que procurei enfrentar, objetivaram pôr a Educação em diálogo com a Antropologia Social e seu arcabouço teórico. Segundo Augé (2005), o mundo moderno se presta à observação etnológica. Para ele,

“Não é a antropologia que, cansada de campos exóticos, volta-se para horizontes mais familiares, sob pena de neles perder sua continuidade, mas o próprio mundo contemporâneo que, por causa de suas transformações aceleradas, chama o olhar antropológico, isto é, uma reflexão renovada e metódica sobre a categoria da alteridade”. (2005, p:27)

É nessa perspectiva que esta pesquisa pretendeu se inserir, já que se ligou a investigações anteriores desenvolvidas a partir de projetos sucessivos orientados pela professora Dra. Tânia Dauster e apoiados pelo CNPq, no contexto do GEALE (Grupo de Estudos de Antropologia da Leitura e da Escrita).

A escolha desse ou daquele método, suas técnicas e instrumentos fala da filiação do pesquisador, como o uso da observação participante numa pesquisa etnográfica. O rigor metodológico, indispensável em uma pesquisa séria, nos instiga a usar esse ou aquele recurso das diversas disciplinas, dependendo do que pretendemos descobrir. Importante é a adequação das técnicas ao problema a ser investigado.

No que diz respeito à arquitetura do texto da tese, decidi dividir o trabalho em cinco capítulos, além desta introdução e de reflexões finais à guisa de conclusão.

No primeiro capítulo – **Uma Escola em análise** – procurei situar a escola como importante objeto de análise, como uma organização social concreta presente nas sociedades urbanas contemporâneas. Além das reflexões sobre as instituições escolares, procurei descrever uma escola específica, a escola

investigada e as principais características nela presentes, fatores importantes e decisivos na análise, sua estrutura, sua identidade, seu cotidiano e seus atores. Esse delineamento mostrou-se importante para a compreensão das práticas aí realizadas, objetivo principal de análise.

O segundo capítulo- **Professores e alunos: reflexões contemporâneas sobre a escola** - pretendeu apontar para os atores escolares diante das principais questões relacionadas à escola e seus desafios, inserida no mundo contemporâneo. O que emergiu das entrevistas desses professores e alunos no que tange às suas visões sobre a educação e à escola constituíram pontos importantes de análises posteriores.

O terceiro capítulo – **A Leitura e a Escrita nas múltiplas práticas escolares** - incidiu sobre as práticas de leitura e escrita nessa escola em suas relações cotidianas, nos diversos ambientes escolares, presenciais ou virtuais. Algumas considerei práticas “relacionais”, aquelas existentes na circulação do que é lido e escrito em toda a escola, em diferentes suportes por diferentes sujeitos. Outras considerei práticas “didáticas”, que também são relacionais, mas se vinculam aos momentos mais formais de ensino e aprendizagem de professores e alunos, como a sala de aula, os laboratórios e a biblioteca.

O quarto capítulo – **A leitura e a escrita de professores e alunos** – objetivou compreender como se dão essas práticas e a importância que lhes atribuem esses sujeitos no universo escolar. O que lêem, o que escrevem, como lêem, como escrevem, como ensinam e aprendem nos diferentes suportes. Como se dão essas práticas e qual sua intencionalidade. Além dessas questões foi também abordado o tema relativo à norma culta da língua diante das novas formas de escrita em suporte digital.

O quinto capítulo – **As novas tecnologias e a escola contemporânea** - procurou desvendar os significados dos usos e práticas das novas tecnologias, notadamente os meios digitais e o uso da Internet, na vida desses docentes e desses jovens, assim como sua importância, na tentativa de relativizar alguns discursos dentro e fora do universo escolar.

Espero, com esse trabalho de pesquisa, ter podido contribuir com os estudos da História Cultural, especificamente, a história do livro, da leitura e da escrita, seguindo os referenciais teóricos e metodológicos da Antropologia Social, voltado para a Educação e o universo escolar especificamente.